

# **Pra gente esse novo caminho é um desafio: A circulação e interação de jovens universitários Indígenas Potiguara na cidade de João Pessoa**

Jamerson Bezerra Lucena\*

## **RESUMO:**

O objetivo deste artigo é compreender as redes de relações sociais construídas por seis jovens universitários indígenas Potiguara na região metropolitana da cidade de João Pessoa, Paraíba e como se dá essa interação entre a espacialidade urbana e as aldeias situadas nas Terras Indígenas (TI) Potiguara no litoral norte paraibano. A circulação desses jovens por esses espaços heterogêneos ocasiona contatos interétnicos com os mais diversos atores sociais, tais como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Ministério Público Federal (MPF), Prefeituras, entidades religiosas etc. Nesses fluxos de estudantes universitários entre a aldeia e a cidade, os Potiguara deslocam-se de um local a outro de forma dinâmica, criando uma rede de solidariedade entre aqueles que residem na capital paraibana e os que permaneceram na aldeia em consonância aos seus sentimentos de pertencimento étnico, do autorrespeito, sendo as fronteiras étnicas acentuadas em situações específicas. A tessitura metodológica foi desenvolvida seguindo uma pesquisa descritiva de enfoque qualitativo com o objetivo de descrever dados etnográficos sobre os jovens indígenas, estudantes da UFPB que vivem nesse fluxo entre as aldeias e a cidade de João Pessoa, além da constituição de rede de solidariedade étnica e a composição de círculos de amizades. Esses jovens estudantes trouxeram suas mochilas carregadas de saberes da natureza, bagagens experienciais da aldeia e algumas vezes quando ocorrem eventos ritualísticos na cidade suas bolsas também carregam maracás, potes de tinta à base de jenipapo, urucum, além dos cocares que são acomodados em tubos/canudos de PVC, por exemplo. Nessa circulação dos Potiguara pela espacialidade urbana, os laços de parentesco e amizade vão se intensificando e formando redes de relações sociais, criando um processo contínuo de produção e reprodução dos materiais culturais que manifestam e reforçam seus sentimentos de pertencimento. Logo, esclareço que esse estudo está focado nas vivências e construção de redes sociais desses seis jovens indígenas que estudam na UFPB, buscando compreender os entrelaçamentos de uma rede de solidariedade étnica que foi sendo produzida nas proximidades da aldeia se espalhando até a capital da Paraíba, avivando, quando necessário, a pertença étnica.

**Palavras-Chave:** Potiguara. Pertencimento étnico. Etnicidade. Redes sociais.

## **ABSTRACT:**

The objective of this article is to understand the social networks of relations constructed by six young university students from Potiguara in the metropolitan area of the city of João Pessoa, Paraíba and how this interaction between urban spatiality and the villages located

in the Indigenous Territory (TI) Potiguara northern coast of Paraíba. The circulation of these young people by those heterogeneous spaces causes interethnic contacts with the most diverse social actors, such as the National Indian Foundation (FUNAI), the Special Secretariat of Indigenous Health (SESAI), the Federal University of Paraíba (UFPB) (MPF), prefectures, religious entities, etc. In these flows of university students between the village and the city, the Potiguara move dynamically from one place to another, creating a network of solidarity between those residing in the capital of Paraíba and those who remained in the village in harmony with their feelings of Ethnicity, self-respect, ethnic boundaries being accentuated in specific situations. The methodology was developed following a descriptive qualitative approach with the objective of describing ethnographic data about the indigenous young, students of the UFPB who live in this flow between the villages and the city of João Pessoa, besides the establishment of a network of ethnic and The composition of circles of friendships. These young students brought their backpacks loaded with knowledge of nature, experiential baggage of the village and sometimes when ritual events occur in the city their bags also carry maracas, jenipapo-based paint jars, urucum, besides of the headdresses that are accommodated in tubes / PVC straws, for example. In this movement of the Potiguara by the urban space, ties of kinship and friendship are intensifying and forming networks of social relations, creating a continuous process of production and reproduction of cultural materials that manifest and reinforce their feelings of belonging. Therefore, clarify that this study is focused on the experiences and building social networks of these six indigenous youngs who study at the UFPB, seeking to understand the intertwining of a network of ethnic solidarity that was being produced in the vicinity of the village spreading to the capital of Paraíba, reviving, when necessary, ethnic belonging.

**Keywords:** Potiguara. Ethnic belonging. Ethnicity. Social networks.

## Introdução

Em meados de 2014, durante o primeiro ano do curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Antropologia Social no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) conheci um jovem Potiguara, representante de um grupo de universitários indígenas daquele espaço acadêmico. Ao longo de nossa amizade e diante do meu interesse antropológico de pesquisa, o jovem Antonio Altino da aldeia Tramataia revelou-me que existiam mais estudantes indígenas naquele espaço acadêmico e que eles poderiam me ajudar nesse meu estudo que tinha como objetivo localizar, entrar em contato e entrevistar indígenas Potiguara que vivem naquele espaço urbano. Vale ressaltar que esses estudantes que também participam de reuniões no Setor de Estudos e Assessoria a Movimentos Populares (SEAMPO) e acabam fazendo parte de Projetos de Extensão, tendo como objetivo desenvolver atividades referentes à formação de jovens indígenas que ingressaram nessa universidade e que atualmente estão frequentando diferentes cursos dos Campi I e IV da UFPB, tais como Comunicação em mídias digitais, licenciatura em Física, Serviço social, Biologia, Administração, e Ecologia. Neste ambiente *extra-campi* também podemos perceber como é propício o debate sobre identidade étnica, sentimento de pertencimento, *etnicidade*, contatos interétnicos, História do Povo Indígena Potiguara e também assuntos relacionados ao Movimento de Política Indígena no Nordeste.

A partir das minhas observações nesse ambiente extra-campi constatei nas reuniões a presença constante de seis jovens indígenas, a saber: Jakeline Oliveira (24 anos) e Antonio Altino (25 anos) que são da Aldeia Tramataia e estudam Biologia e Administração, respectivamente; Bruno Rodrigues (25 anos) estuda Ecologia<sup>1</sup>; Tamara Rodrigues (26 anos) faz Comunicação em Mídias Digitais e Adriana Gabriel<sup>2</sup> (29 anos) que está concluindo o curso de Serviço Social, ambos da Aldeia Galego e Neto (21 anos), que está cursando Licenciatura em Física é da Aldeia Caieira<sup>3</sup>. Estes jovens trouxeram consigo bagagens experienciais do seu lugar de origem e, desse modo, circulam pelas cidades, produzindo suas redes sociais partir das interações vicinais, conforme relatos de Jakeline Oliveira e seu irmão, Antonio Altino, e de amizade proporcionada por ações de gentileza e

---

<sup>1</sup> O jovem indígena Potiguara fazia Engenharia Ambiental no Campus I da UFPB em João Pessoa e atualmente está estudando Ecologia no Campus IV dessa instituição na cidade de Rio Tinto, que fica próxima do seu lugar de origem, a Aldeia Galego.

<sup>2</sup> A jovem Adriana Gabriel também é natural da Aldeia Galego, mas vive desde sua adolescência na cidade de Santa Rita que pertence à região metropolitana de João Pessoa juntamente com a família de sua irmã mais velha.

<sup>3</sup> A distância das aldeias para a cidade de João Pessoa é de aproximadamente 90 km. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>.

solidariedade num campo de ajuda mútua que aos poucos vai sendo construído no espaço acadêmico, na rua onde mora e por parentes consanguíneos ou de afinidade que dão assistência a esses universitários na capital paraibana e cidades vicinais.

Ao mencionar o conceito de rede social que estamos nos referindo nesse estudo antropológico refere-se aquele utilizado por Barnes (1954, p. 43 *apud* HANNERZ, 2015, pp. 179-180) que denomina uma rede da seguinte forma,

A imagem que tenho é de um conjunto de pontos alguns dos quais estão conectados por linhas. Os pontos da imagem são pessoas, ou às vezes grupos, e as linhas indicam que pessoas interagem umas com as outras. Podemos, é claro, achar que a vida social inteira gera uma rede desse tipo. Para nossos objetivos atuais, no entanto, eu gostaria de considerar, a grosso modo, aquela parte da rede total que fica para trás quando removemos os agrupamentos e cadeias de interação que pertencem estritamente aos sistemas territorial e industrial.

Baseado nisso, observo que nessa circulação dos estudantes indígenas entre a aldeia e a cidade, os laços de parentesco e amizade vão se fortalecendo e produzindo ramificações nesses espaços (aldeia e cidade) que, na verdade, tornam-se interseccionados pelas relações sociais que os permeiam, demonstrando assim uma fertilidade na produção dos enleios das redes sociais que vão sendo entremeados ao longo desses deslocamentos por parentes, amigos, vizinhos, pessoas conhecidas e desconhecidas. Desse modo, nas interações construídas nessas espacialidades, a reciprocidade constitui-se como um elo que aproxima amigos indígenas e não-indígenas, assim como os parentes, criando um processo contínuo de produção e reprodução dos materiais culturais que manifestam seus sentimentos de pertencimento, “moral do reconhecimento” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), principalmente quando esses jovens estão reunidos no SEAMPO situado no campus I da UFPB para participarem de Projetos de Extensão e Grupo de Trabalho Indígena (GT Indígena), que tem como objetivo desenvolver atividades referentes à formação de jovens indígenas que ingressaram na UFPB.

Segue a partir de agora o desenvolvimento desse estudo, baseado na circulação e interação desses seis jovens indígenas Potiguara pela capital paraibana, João Pessoa, trilhando novos caminhos em busca do que almejam nessa etapa de suas vidas que é a oportunidade concluir o ensino superior. E eles estão dispostos a enfrentar esse desafio num espaço desconhecido e recheado de obstáculos por esse “novo caminho”.

### **Novos espaços de oportunidades para jovens indígenas Potiguara**

No que se refere à Educação dos indígenas ainda existem poucas escolas de ensino médio nas aldeias, e muitas vezes esse ensino, segundo o jovem Bruno Rodrigues é precário e conseqüentemente muitos jovens se deslocam para a área urbana no intuito de se tornar estudante secundarista e posteriormente alguns buscam uma chance de ingressar num curso superior numa universidade pública e outros entram logo no mercado de trabalho. A oportunidade de chegar até o ensino superior tornou-se mais realista a partir de 2007 com a criação do Curso Pré-Vestibular da UFPB intitulado “Os índios Potiguara a caminho da Universidade”, no litoral norte da Paraíba. O curso conta com a parceria das prefeituras dos municípios de Marcação e Baía da Traição, além da FUNAI. Estudantes do Centro de Ciências Aplicadas e Educação também são selecionados para ministrarem aulas teóricas e práticas nesses cursinhos pré-vestibulares, sob a supervisão de um professor. Vale ressaltar que no ano de 1997, segundo o líder indígena Capitão Potiguara, ele juntamente com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Superior da Paraíba (SINTESP/PB) e UFPB chegaram a um acordo para que o cursinho Pré-Vestibular do Campus I dessa universidade também abrissem as portas para que os jovens indígenas pudessem estudar, dessa forma dando oportunidade para aqueles que almejavam conseguir uma graduação de ensino superior, muito embora poucos tinham condições, à época, de se deslocar e conseguir se manter na cidade durante a semana, mesmo com apoio da FUNAI de João Pessoa.

A universidade e a própria aldeia funcionam como um campo social e de ações sociais onde muitos jovens indígenas se relacionam e se apropriam interagindo, através do seu conjunto de saberes e também dando apoio a graduandos/pós-graduandos e professores de várias áreas de pesquisa. A acessibilidade oferecida pela universidade faz uma ponte para unir as relações sociais entre docentes e estudantes. Essa troca de experiências entre esses dois sujeitos acaba engendrando e fortalecendo laços de amizade e companheirismo advindo das relações humanas, possibilitando a criação de um novo campo de oportunidades para os jovens Potiguara.

Nesse ínterim, a relação desses jovens estudantes indígenas com a universidade também está relacionada com as interações construídas com professores da UFPB, através de cursinhos pré-vestibulares e pesquisas acadêmicas, além da presença de pesquisadores de várias universidades e faculdades da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros estados da região sul, sudeste e da Universidade de Brasília (UnB). Essa rede pode ser espalhada por outros atores externos/internos que vivem também nesse fluxo entre aldeia e cidade e, sendo assim, mantém uma inter-relação quase que constante com eles,

tais como comerciantes, participação em campeonatos de futebol, *surf* e outros esportes, além das relações de parentesco que podem servir de ponte para contatos, interações, amizades com outros indígenas que vivem em centros urbanos, por exemplo, no intuito de conseguir algum apoio logístico ou moradia, possibilitando o estudo na cidade e consequentemente a construção de redes nessa espacialidade.

Seguindo esse direcionamento, penso a partir de noções como as de *fluxos, redes e processos*. Neste sentido, deve-se imaginar a cidade como um cenário de múltiplas articulações e que os atores sociais buscam adaptar-se, mover-se num fluxo de interações constante, dinâmico e que sempre está ocorrendo numa atmosfera espacial urbana, como veremos mais adiante.

O fato de viver na cidade para o indígena não apaga a sua identidade étnica, pelo contrário, em algumas situações pode ser reforçada, porque pelo que observei na capital paraibana muitas vezes a identidade indígena torna-se mais intensa por existir, por exemplo, entre os estudantes Potiguara “uma solidariedade étnica, um sentimento de pertencimento engendrado sob a égide de defesa do seu grupo étnico diante de algumas dificuldades impostas por uma “sociedade branca” universitária na capital paraibana” (LUCENA, 2016, p.30). Nesta perspectiva, constatei que esses jovens indígenas quando estão na cidade buscam uma maior interação social, através de uma visitação a um parente que vive na cidade vizinha, uma hospedagem a um estudante, demonstrando gestos de generosidade e consideração pela família, participando de eventos culturais e sociais, tais como conferências indígenas, aniversários, casamentos, batizados, pontos de encontro na universidade para estudar, enfim, situações sociais específicas que ocorrem no espaço urbano e que tem o objetivo de interagir, estreitar laços de parentesco, intensificar amizades por intermédio dessas estratégias construídas por redes de solidariedade étnica.

Os estudantes indígenas que vivem na cidade, sempre que possível, fazem questão de participar de eventos culturais, ritualísticos numa tentativa de reafirmar e valorizar mais ainda a sua identidade étnica, mesmo vivendo numa espacialidade urbana carregada de preconceitos e discriminação racial.

Teve um grupo (indígenas Potiguara) que vieram se apresentar aqui (na universidade)... aí eu fui falar da minha cultura. Teve outro movimento (indígena) lá no centro (da cidade) e depois outro na Assembleia (Legislativa). Aí eu estava de vez em quando nesses eventos aí. Eu acho que você precisa mesmo valorizar essa questão de ser indígena na cidade porque se você não valorizar e acreditar que é uma coisa banal e que não tem valor, você vai se passar como um não-indígena. Ser indígena na cidade é um pouco complicado, né?!” (Adriana Gabriel, João Pessoa, 18/12/2015).

Ao questionar a jovem indígena sobre o porquê ela acha complicado, ela responde da seguinte forma: “Porque tem a questão do preconceito. E pra você que viveu na aldeia que participou dos costumes e que sabe que sua família também é indígena...aí você fica meio acanhado...fica meio desmotivado. Mas, aí hoje em dia eu já respondo e começo a falar, né?! De sua história e que aquela pessoa precisa conhecer melhor a história [da etnia indígena Potiguara]” (Adriana Gabriel, João Pessoa, 12/01/2016).

Numa tentativa de esclarecer melhor esse entendimento sobre o acionamento da identidade étnica questioneei-a novamente, se, por exemplo, é em todo lugar na cidade que ela afirma que é indígena, ela responde que “Não. Não é em todo canto não. Porque tem canto que você vê, percebe que aquela pessoa não vai te discriminar que ela não tem preconceito...que diz: *Ah, você é índia? Que legal!* te aceita, né?!” (Adriana Gabriel, João Pessoa, 12/01/2016).

Segundo a jovem Adriana Gabriel, o fato de estar morando na cidade faz com que ela busque, participe de eventos de movimentos indígenas e de reuniões no SEAMPO. “Quando eu fui pegar uma declaração de que sou indígena para poder comprovar na UFPB o cacique ressaltou a importância de participar de eventos, reuniões dos movimentos indígenas para manter próxima desses eventos” (Adriana Gabriel, João Pessoa, 18/12/2015).

O fato do cacique da aldeia querer que a jovem mantenha contato com seu grupo étnico, mesmo vivendo na cidade pode estar demonstrando nessa atitude uma preocupação em manter vivo o sentimento de pertença, do orgulho de ser Potiguara.

Tenho orgulho de fazer parte de uma família indígena e não nego que sou pra ninguém... apesar de que em muitos momentos passar por situações desagradáveis...então é você se adequar ao ritmo da cidade mesmo não pertencendo a ela...Mas é também saber driblar o preconceito...Um índio na cidade acaba tendo uma vida diferente da vida que poderia ter na comunidade em questões de comportamento modo de falar e se relacionar com as pessoas...dependendo da cultura no modo de vestir de pensar. (Adriana Gabriel, João Pessoa, 27/05/2015)

O relato da interlocutora ecoa pela descoberta do autorrespeito, isto é, reconhecer o fato de assumir a sua identidade étnica indígena é algo que parece ser dignificante para si e também para sua família num processo de pertencimento étnico que, segundo Cardoso de Oliveira (2006, p.55), “É quando a busca pelo respeito de si pelos outros começa pela descoberta do autorrespeito, encontrando nele a dignidade e a honra indígena tão vilipendiada no passado, e hoje, ao que tudo vem indicando encontra-se em pleno processo de recuperação”.

Ao mencionar “ritmo da cidade” e enfatizar a situação de “driblar o preconceito”, a jovem Adriana Gabriel pode estar moldando uma máscara social, mas antes desse processo de moldagem, provavelmente houve uma preparação que ocorre através da interação que a jovem indígena adquiriu na sociedade urbana, aonde veio morar ainda adolescente junto de sua irmã e, sendo assim, esse contato interétnico constante na espacialidade urbana possibilitou um ganho de experiência durante a sua vivência nesse espaço. Nesta perspectiva, o conceito de *etnicidade* apresenta-se aqui de modo bastante oportuno e eficaz para esse caso quando a jovem indígena refere-se que deve “entrar no ritmo da cidade”, ou seja, moldar-se socialmente, adquirir um comportamento social para poder conviver, manter relações sociais numa estrutura organizacional distinta da aldeia onde vivia e, mesmo assim, não perder a sua identidade étnica, o elo parental com a sua rede de relações étnicas indígena e práticas culturais afirmadas desde a sua infância na aldeia. Neste contexto, “etnicidade provou ser um conceito muito útil, uma vez que sugere uma situação dinâmica da variável de contato, conflito e competição, mas também acomodação mútua entre os grupos” (ERIKSEN, 2010, p. 13, tradução minha).

Nesse sentido, percebo que no espaço urbano existe um leque abrangente de relações sociais, onde muitas vezes presenciamos uma convivência multiétnica como, por exemplo, judeus, muçulmanos, indígenas, ciganos etc. em que a identidade étnica pode ser ativada a partir do momento que o indivíduo sinta necessidade e senão houver fica protegida. A partir daí, o indivíduo, de forma singular ou junto com seu grupo étnico poderá reivindicar seus direitos que são recorrentes de sua identidade étnica indígena.

Thomas Hylland Eriksen (2010, p. 14, tradução minha), ainda reforça expressando que “o conceito de *etnicidade* pode ser dito para unir duas lacunas importantes na antropologia social: ela implica um foco na dinâmica ao invés de estática, e relativiza as fronteiras entre ‘nós’ e ‘eles’, entre os modernos e tribais”.

Então, nesse caso, como demonstra Eriksen (2010, pp. 16-17, tradução minha), a “Etnicidade é um aspecto da relação social entre pessoas que se consideram como essencialmente distintas dos membros de outros grupos dos quais eles estão conscientes e com o qual eles entram em relacionamentos”. Assim, o indivíduo sabe a que grupo étnico ele pertence, mas para poder entrar em contato, por exemplo, com outra organização social deverá manter uma interação social, respeitando os aspectos políticos, econômicos, culturais daquela sociedade, porém sem perder a sua identidade étnica indígena. Desta forma, o indígena vive num *jogo identitário*, mantendo relações num contato interétnico, interagindo, estabelecendo redes de relações sociais para que possa dar sustentação a sua

identidade social naquele espaço urbano. A construção de redes sociais na sua rua, no seu bairro, com a sua vizinhança, grupo de amigos da igreja, sindicato de associação de moradores, dos amigos da escola, do futebol, na empresa onde trabalha etc. são alguns exemplos significativos que muitos indivíduos que pertencem a um grupo étnico poderiam utilizar. Então, quando a relação social tem um “diferencial étnico”, como um elemento significativo, é porque essa identidade emergiu num momento específico, onde provavelmente surgiu a necessidade de ativá-la, como um “*gatilho situacional*” que poderá liberar sentimentos de pertencimento étnico diante das circunstâncias em que ele se encontra. Posto isso, “o conceito de *etnicidade* não só pode nos ensinar algo sobre similaridade, mas sobre as diferenças” (ERIKSEN, 2010, p. 18, tradução minha).

Calcado nisso, ao ser inserido num contexto urbano o jovem indígena busca meios de se ajustar, conviver naquela cidade e nesses casos alguns antropólogos interpretam essa ação como um inevitável processo de aculturação, perda daquilo que caracteriza um indivíduo ou um grupo como indígena, o que não procede, porque segundo Eriksen (2010, p.24, tradução minha) “Por aculturação, eles significam a adaptação dos imigrantes ao seu novo contexto cultural. Poderia, mas não tem que, eventualmente, levar toda assimilação ou perda de distinção étnica”. Desta forma, é preciso compreender que o espaço urbano tem uma configuração, ou seja, uma organização social multiétnica que produz seu próprio mecanismo de ordem social numa dinamicidade intensa impulsionada por fatores sociopolíticos e econômicos advindos do capitalismo. Mas, também não queremos afirmar que a tecnologia juntamente com relações econômicas importantes não tenha chegado à área rural, entretanto o espaço urbano congrega de forma muito mais eficaz essas ações de intercâmbio mercadológico do sistema capitalista.

Após esse entendimento sobre o processo de preparação, evidenciado nesse caso pela *etnicidade*, do qual a jovem indígena Potiguara da Aldeia Galego supostamente passou para entrar no “ritmo da cidade”, alcança-se em seguida um estágio da construção da “representação” no intuito de conseguir desvencilhar-se das teias do preconceito e do racismo que estão difundidas e eivadas na espacialidade urbana. Neste caso, Goffman (1996, p. 27) diz que “a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas”. Realçando ainda mais essa relação vivida num contexto urbano, o autor expõe sua reflexão teórica sobre “fachada” ou utilizando, de modo mais adequado, o termo “representação” para se referir a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um

grupo particular de observadores e que tem sobre este alguma influência” (*ibid*). Erving Goffman (1996, p. 29) então incute a denominação “fachada” para designar um “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional (o “ritmo da cidade”) ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. Esta representação social é construída por todos nós não apenas por esses jovens Potiguara que tive contato na capital ou cidades vicinais.

Vale ressaltar também que, além do fato de estar num ambiente novo, temos que procurar compreender que o jovem indígena tenta viver sua vida no espaço urbano como qualquer outro indivíduo, mantendo relações sociais, fazendo amizades na universidade, eventos religiosos, culturais, enfim, buscando interações sociais que acabam engendrando uma sociabilidade. Neste sentido, a sociabilidade também se faz presente naquele ambiente citadino convivendo com outros cidadãos onde busca interagir, criar vínculos afetivos com seus vizinhos, construir laços de amizade, enfim, produzindo hábitos característicos da socialização que são fundamentais para o indivíduo viver numa sociedade.

Durante o meu trabalho de campo verifiquei, em minhas entrevistas e também quando estive presente nas aldeias, acompanhado muitas vezes pelo o interlocutor, Bruno Rodrigues, e outros jovens indígenas que vivem também na região metropolitana de João Pessoa, verifiquei que esses Potiguara estão entranhados ao sentimento de pertencimento étnico, independente das circunstâncias em que vivem no espaço urbano. Este sentimento de pertencimento está relacionado à fonte de sua identidade étnica indígena, que mantém a permanência e a continuidade.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2006, pp. 27-28), onde diz que:

Quer a **identidade** seja pensada no âmbito dos estudos de *etnicidade*, como bem ilustram as ideias de Cohen; quer ela se insira em contextos relacionais, não obstante **passíveis de observação e de registro etnográfico, como no caso de interações socioculturais envolvendo relações contrastantes**, a nos basearmos nas pesquisas de Barth e de seus colaboradores, o certo é que para as investigações realizadas por muitos de nós, antropólogos, o conceito de identidade étnica tem sido de inegável eficácia (grifo nosso).

De acordo com João Pacheco de Oliveira (2004, pp. 32-33, **grifos meus**):

A *etnicidade* supõe necessariamente uma trajetória (histórica e determinada por múltiplos fatores) e uma origem (**uma experiência primária, individual, mas que também está traduzida em saberes e narrativas aos quais vem se acoplar**). O que seria própria das identidades étnicas é que nelas a atualização histórica não anula o sentimento de referência a origem, mas até mesmo o reforça. É da resolução simbólica e coletiva dessa contradição que decorre a força política e emocional da *etnicidade*.

Outro fato relevante no contexto urbano é que a identidade torna-se situacional, pois num determinado momento o indígena pode reivindicar os seus direitos que estão resguardados no Estatuto do Índio (1973) e na Constituição Federal de 1988, porém em outra situação ele pode omitir sua identidade étnica indígena para restabelecer outro contato envolvendo demandas e interações, por exemplo, com outros atores externos e, dessa forma, estabelecer um *jogo identitário* provocado por diferentes circunstâncias sociais no intuito de alcançar seus direitos estabelecidos por lei. E em outro momento ele poderá acionar sua identidade social.

Vale ressaltar que a identidade étnica surge de forma situacional não apenas no espaço urbano, pois no território étnico ela também é situacional, por exemplo, quando o indígena necessita ir ao posto de saúde na aldeia para tomar vacinas e tratamento bucal; para matricular o seu filho ou filha na escola indígena; políticas públicas (Ações Afirmativas) relacionadas à educação superior, tais como Lei de cotas raciais; Programa Bolsa Permanência (PBP); para receber cesta básica de alimentos; na solicitação à FUNAI para adquirir uma ajuda de custo para a produção agrícola e para a vacinação de um bovino contra a febre aftosa, por exemplo, ou até mesmo quando ocorre censo populacional promovido por lideranças indígenas ou pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estes são alguns casos em que a identidade indígena pode ser acionada no território étnico dos Potiguara.

Ainda sobre a identidade social, sigo o rastro do pensamento de Barth (1995, p. 2, tradução minha), “ser uma pessoa indígena não significa carregar uma cultura indígena em separado. Ao contrario, isso significa que, provavelmente, em certas ocasiões você diz ‘essa é minha identidade étnica, esse é o grupo ao qual eu pertencço’”.

Nessa perspectiva que envolve uma abordagem em torno da identidade étnica indígena, *etnicidade* e a construção de redes sociais num contexto urbano tracei uma pequena análise baseada nas entrevistas concedidas pelos seis estudantes universitários Potiguara que venho discutindo até então. Esses jovens indígenas universitários acabam apresentando situações de discriminação racial vivenciados na UFPB que, muitas vezes, surge de forma acentuada na sala de aula a partir do momento em que o jovem indígena expõe sua identidade étnica. A partir daí, ocorre à segregação, ficando de um lado “os de cor” como destaca o estudante indígena Bruno Rodrigues da Aldeia Galego quando sofreu discriminação em sala de aula e acabou se juntando a outros estudantes que também passaram por esse processo discriminatório. Ao perguntar-lhe como foi sua sociabilidade nos primeiros dias na universidade ele conta que,

Então, ao chegar no curso a primeira coisa que senti foi a exclusão...e acabou que até o processo de inclusão na turma...digo em partes da turma isso gerou, demorou uns dois meses, dois meses e meio até esse processo de inclusão. Porque quando começou o curso a turma foi logo se dividindo, né?! Se subdividindo em grupos. E aí acabou ficando eu um amigo de Cabo Verde (país da África) e outro amigo que era esposo de Vaval todos eram de cor (refere-se a cor negra) (Bruno Rodrigues, Aldeia Galego, 12/12/2015).

Pautado nesse diálogo, podemos inferir que o fato de ter a pele mais escura aproximando-se de um tom de pele negra, ele [Bruno] foi de imediato aproximando-se dos estudantes cabo verdianos por ser excluído do grupo social “branco”, onde ficam aqueles jovens estudantes citadinos que, muitas vezes, se consideram de classe social hegemônica, oligárquica, ostentando ainda um “*status quo*” herdado por uma geração aristocrática, entretanto às vezes só possui o sobrenome da família como potencial agregador de relações na sociedade, além da aparência de burguês como diferenciador de classes sociais, aspectos que podem ser considerados suficientes para se manter um *status* diferenciado na sociedade paraibana.

A jovem Jakeline Oliveira, da Aldeia Tramataia, diz que o fator primordial para o seu ingresso juntamente com o de seu irmão, Antonio Altino, foi o cursinho Pré-Vestibular ofertado pela UFPB no município de Marcação em 2010. Ao ingressar na Universidade a jovem estudante confessa que estava um pouco apreensiva porque conhecia quase ninguém na capital e também sabia que a questão financeira poderia dificultar muito os seus estudos. “Eu só conhecia o Douglas, que tá fazendo doutorado aqui na região (T.I. Potiguara)” (Jakeline Oliveira, Aldeia Tramataia, 26/01/2016). Segundo a jovem estudante, ela conheceu o pesquisador Douglas (não-indígena) desde quando ele estava cursando a sua graduação em *etnobiologia* no ano de 2007. Durante aquele período em que o pai de Jakeline, seu Nato, junto com ela auxiliava o jovem graduando, mostrando com toda sua bagagem de experiência e vivência os tipos de manguezais e épocas de reprodução dos caranguejos existentes naquela área situada nas Terras Indígenas Potiguara.

Segundo o relato do jovem Antonio Altino (Aldeia Tramataia) quando questionei ao interlocutor se algum dos seus parentes já veio para a cidade resolver algum problema ele responde que “Teve uma vez que veio um tio e uma prima (filha do tio) que iria fazer alguns exames médicos e logo após realizar uma cirurgia no olho. E eles (o tio e sua prima) iriam perder muito tempo se ficassem viajando da aldeia pra cá todos os dias. E por isso,

foi bem melhor eles ficarem uns dias morando aqui em casa [na capital] enquanto resolviam logo tudo”. (Antonio Altino, João Pessoa, 2016).

Nessa narrativa, percebe-se que os laços de afetividade tornam-se muito fortes entre os estudantes indígenas e seus parentes que vivem na aldeia por causa da retroalimentação provocada por atos de “reciprocidade generalizada” (SAHLINS, 1983) e que isso muitas vezes, pelo que pude presenciar, acaba dando-lhes um prestígio muito grande na sua aldeia, proporcionando certo *status* e poder naquele espaço social, proporcionado pela sua permanência na capital durante a semana. De acordo com Sahlins (1983, p. 212, tradução minha), “a reciprocidade generalizada’ se refere a transações que podem ser consideradas altruístas, transações que estão no contexto da ajuda oferecida e, se possível e necessário, da ajuda retribuída”.

O jovem Bruno Rodrigues que em 2012 foi aprovado no vestibular da UFPB (campus I) para o curso de Engenharia Ambiental. De acordo com seu relato, ele tem “uma vocação voltada para o meio ambiente e quem sabe por um lado ser ambientalista na área, né?!” (Bruno Rodrigues, Aldeia Galego, 10/01/2016). Quando soube do resultado da aprovação, ele disse que ficou pensando nesse novo desafio a enfrentar longe de casa:

Primeiramente quando decidi sair da comunidade (Aldeia Galego) e ir pra faculdade (UFPB) eu já fui fazendo aquela preparação psicológica, porque você entende que vai encontrar apoios e não-apoios...achar que as portas vão bater na sua cara. Mas aí eu já tinha parceiros...Rafael, amigo nosso [...] conheci ele num campeonato de futebol juntos no mesmo time e aí criamos laços de amizade e dali ele se dispôs em receber na casa dele (em João Pessoa). E também amigos que já moravam em João Pessoa e que se dispuseram a me acolher na chegada (na Capital). Então, foi assim aquela coisa meio louca... você vai para um local, onde você não conhece nada, mas mesmo assim você se lança, se joga a esse local. É tanto que os apoios chegaram, mas de forma...eu falo assim, até mesmo de forma não pequena, mas na proporção em que me lançou também a conhecer novos horizontes, a me locomover, a conversar e a procurar uma forma de viver fora das comunidades. De se adaptar ao mundo que você não está acostumado (Bruno Rodrigues, Aldeia Galego, 10/01/2016).

Ao chegar à capital paraibana, Bruno tinha a certeza de que teria o apoio do seu amigo Rafael (professor de História do cursinho Pré-Vestibular do Campus IV-UFPB) companheiro de futebol durante um campeonato ocorrido na região, onde o jovem indígena o convocou para fazer parte de seu time. Assim como também poderia contar com a ajuda de Capitão Potiguara, líder indígena que trabalhava na Universidade. Esse amparo proporcionado por amigos indígenas e não-indígenas deram-lhe, a princípio, uma sustentação, um apoio moral que foi de fundamental relevância, servindo de fio condutor para que a partir daí começasse a criar, tecer sua rede de relações sociais na capital e se

sentisse motivado e determinado a enfrentar esse desafio de viver fora de casa num lugar desconhecido.

Ao entrar em contato com a jovem Tamara Rodrigues [Aldeia Galego] para saber como foi a sua inserção no campo acadêmico ela diz que Bruno (seu irmão) e Jakeline foram fundamentais para que ela mantivesse um bom relacionamento na universidade porque eles “faziam as pontes”, no sentido de fazer com que se entrosasse mais com outros colegas que eles conheceram no curso. Ela [Tamara] também relata que assim que chegou à universidade fizeram uma comemoração surpresa e nesse evento acabou conhecendo uma pessoa que faria uma amizade muito forte que perdura até os dias de hoje na cidade. A jovem nesse momento estava se referindo ao Douglas, que é amigo de Jakeline Oliveira e Antonio Altino:

Esse meu amigo [Douglas] é mesmo que um anjo! Toda vez que preciso ficar lá (na capital) eu falo pra ele e ele me diz: *Vem!* Aí fico com ele lá nos Bancários (bairro de João Pessoa)... na principal (Avenida). Ele é de Natal (Rio Grande do Norte), só que ele faz doutorado<sup>4</sup>... tá concluindo. Termina agora em fevereiro de 2016. Aí, quando eu cheguei lá eles [Bruno e Douglas] fizeram um jantar pra mim. Fui eu e uma amiga que mora aqui (na Aldeia Galego) e faz um curso em...(não lembra) faz um curso na área de saúde. Na época morávamos todos juntos eu, ela (essa amiga), Bruno e uma menina que faz arquivologia (Tamara, Aldeia Galego, 10/01/2016).

Pelo que podemos perceber nesse diálogo “as pontes”, como disse a jovem Tamara, vão sendo construídas pelos indígenas que já estão aqui na cidade, ou seja, quem já está entrelaçando ou já criou sua rede social no espaço urbano faz com que o próximo indígena que desembarcou nesse centro urbano sintam-se imediatamente acolhido e conectado a essa rede social formada pelo grupo étnico para que, dessa forma, o “novato” consiga fazer seus enleios, criando suas articulações no intuito de facilitar e melhorar sua convivência na universidade, assim como na capital que muitas vezes poderá parecer para ela [Tamara], como um espaço social heterogêneo e complexo.

Por fim, destacamos agora o estudante universitário Neto (20 anos) que foi aprovado no vestibular em 2014 para o curso de Licenciatura em Física. Assim que chegou à capital ele já sabia onde iria ficar, a casa do seu tio no bairro de Mangabeira, zona sul da cidade.

Fiquei na casa de um tio (tio-avô) meu...no início foi um pouco ruim porque eu estava saindo da aldeia (Caieira) de um ambiente totalmente diferente pra viver numa cidade grande. Já tinha ido várias vezes à capital, mas só que de

---

<sup>4</sup> Na época Douglas fazia doutorado em *Etnobiologia e Conservação da Natureza* pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

passagem...não pra passar a semana inteira. Então, no começo foi um pouco chato cheguei a chorar quase desisti. Mas a vida é assim tem alguns atropelos, mas vamos pra frente (Neto, Aldeia Caieira, 10/01/2016).

Apesar de ser muito jovem Neto demonstra ter uma persistência e determinação em suas atitudes, pois ao longo dessa trajetória acadêmica, segundo ele, já enfrentou diversas agruras, mas continuou na sua caminhada.

Então, no começo foi um pouco chato cheguei a chorar e quase desisti. Mas a vida é assim tem alguns atropelos, mas vamos pra frente. Eu superei isso, né?! No dia-a-dia me adaptar e me dedicar de uma forma mais forte...porque se realmente era aquilo que eu queria...né isso que eu quero? Então, vou lutar! Independente do que venha. (Neto, Aldeia Caieira, 10/01/2016).

Nesse sentido, percebi que essas estratégias de ação montadas pelos jovens indígenas Potiguara tem uma relação com os “conjuntos-de-ação” destacados por John Arundel Barnes (1969, p. 199),

Os conjuntos-de-ação que têm como objetivo a provisão de recursos materiais substanciais, talvez possam assumir a forma de algumas poucas conexões, cada uma ligando o propulsor a uma porção densa da rede, onde seus vários agrupamentos de amigos podem agir em auxílio de maneira coordenada.

Posto isso, percebemos que os arranjos, alianças, a regência das ações estratégicas realizadas pelos jovens Potiguara no contexto urbano fazem com que outros parentes possam se conectar (sem dificuldades) a uma rede social já construída pelos indígenas “veteranos” na região metropolitana de João Pessoa.

### **Considerações finais**

Ao tecer essas considerações, percebo que os entrelaçamentos das redes de relações sociais construídas por esses jovens Potiguara, guardada as devidas distinções que cada configuração apresenta, conseguem fortalecer e usar seus “laços pessoais de parentesco e amizade” (BARNES, 1969, p. 173). Sendo assim, os enleios das redes sociais desses jovens estão relacionados às suas peculiaridades, pois cada rede constitui uma forma específica e dinâmica de estratégias de ação para poder dar continuidade no cenário em que foi produzida.

Segundo John Arundel Barnes (1969, p. 175), “A noção de rede social está sendo desenvolvida na Antropologia Social tendo em vista a análise e a descrição dos processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias”. Neste sentido, a rede de relações sociais não pode ser vista como constituída apenas por relações de parentesco, pois muitos dos contatos desses indígenas tem suas “amarras” construídas por amizades e ciclos de reciprocidade que extrapolam o sistema de relações parentais. A construção de redes de relações sociais desses jovens indígenas se dá também num “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) gerado a partir dessas interações ocorridas nessas espacialidades, e as políticas públicas do governo federal que oferecem oportunidades para que eles ingressem na universidade. As oportunidades surgem por um “*campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de *projetos*” (ibidem, p. 40). Sendo assim, os *projetos* individuais estão associados a um conjunto de ações que foram proporcionados por esse *campo de possibilidades* que pôde ser engendrado, no caso dos jovens estudantes indígenas, através de uma inter-relação entre atores externos e internos que vivem num fluxo constante entre a aldeia e a cidade.

Então, para Gilberto Velho (1994, p. 47), “As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A visibilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*”. Segundo Hannerz (1974), na espacialidade urbana surgem contextos diferentes de “*estruturas de oportunidade*” e muitas delas estão dispostas num conjunto de relações sociais proporcionada por organizações informais formadas por “grupos de interesse”. Ao longo do artigo, este autor (1974, p. 37, tradução minha) argumenta que “a *etnicidade* pode ser estrategicamente empregada por membros de grupos distribuídos numa variedade de formas ao longo da estrutura de oportunidade urbana”.

Nessa perspectiva, é preciso pensar que esse *campo de possibilidades* só se torna alcançável para alguns jovens indígenas devido a um planejamento estratégico (projeto) elaborado de forma inconsciente também sob uma estrutura de oportunidades que foi criada por relações inter-étnicas surgidas no território étnico e no espaço urbano, além da constituição de uma parentela que vive na cidade (mas de vez em quando volta à aldeia para visitar seus parentes e manter seus laços afetivos fortalecidos) e está disposta a lhe dar apoio moral e logístico na espacialidade urbana, possibilitando a permanência de muitos jovens na universidade. Neste sentido, torna-se bastante difícil para o jovem indígena sobreviver na cidade sem a formação de redes sociais desse tipo, pois ao imaginar

que suas chances de sobrevivência na cidade são ínfimas ele nem se quer tenta porque pressupõe, pautado em sua realidade socioeconômica, que não resistirá à escassez de recursos referentes à alimentação, transporte e material de estudo, além do fator afetivo-emocional sentido pela ausência temporal dos pais que ficaram na aldeia.

## REFERÊNCIAS

BARNES, J. A. “Redes sociais e processo político”. In: FELDMAN-BIANCO, BELA (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. São Paulo: UNESP, 2010 [1969], p. 171-204.

\_\_\_\_\_. “*Class and Communitites in Norwergian Island Parish*” (1954). In: Hannerz, Ulf. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana**. Trad. Vera Joscelyne. Petropólis, RJ: Vozes, 2015, p. 179-180.

BARTH, T. F. ***Ethnicity and concept of culture***. Paper, Harvard: 1995, p. 35.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Edunesp, 2006, p. 27-28.

ERIKSEN, T. H. ***Ethnicity and Nationalism***. Third Edition. London, Pluto Press, 2010.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

HANNERZ, U. ***Ethnicity and Opportunity in Urban America***. In: COHEN, A. (Org.) *Urban Ethnicity*. London: Tavistock Pub. 1974.

LUCENA, Jamerson B. “**índio é índio onde quer que ele more**”: uma etnografia sobre índios Potiguara que vivem na região metropolitana de João Pessoa. Dissertação. Paraíba/UFPB/PPGA, 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos “índios misturados”?** In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004.

SAHLINS, Marshall. **Un Esquema de Las Reciprocidades**. In: SAHLINS, M. *Economia de La Edad de Piedra*. Madrid: Akal editor, 1983.

VELHO, Gilberto. “Trajetória individual e Campo de possibilidades”. In: **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1994.